

**HERESIAS E PROFANAÇÕES:
desenhando um estilo¹**

Ruth Ferreira Bastos²

Escrever

não posso

É preciso dizer: não podemos

E escrevemos

É o desconhecido que carregamos dentro de nós:

escrever, é isso que se alcança. É isso ou nada [...]

Se soubéssemos alguma coisa daquilo que vamos escrever antes de fazê-lo,
antes de escrever, nunca escreveríamos. Não valeria a pena.”

Marguerite Duras

Imitar o estilo de Lacan e repetir os seus ditos é o que ele não nos recomenda. Podemos sim nos apropriar dos seus conceitos para deles fazer um bom uso e, quem sabe, produzir alguma enunciação, na ambição, nem sempre alcançada, de fazer avançar a psicanálise.

1 Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergência-Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, *QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?*, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023. Grupo de trabalho «Estilo em Psicanálise»: Ruth Ferreira Bastos - ELPV, Darlene Gaudio A. Tronquoy-ELPV, Inezinha Brandão Lied-Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica, Luciana Vila Lima de Menezes-ELPV, Luíza Bradley-Intersecção Psicanalítica do Brasil.

2 Analista Membro da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória.

Lacan se afirma um herege em relação a Freud e nos convoca à heresia no percurso de análise e na transmissão. Este trabalho pretende afirmar que é preciso profanar as verdades sagradas a respeito do que somos e dos significantes da teoria que nos foram transmitidos.

Se sacralizarmos o que nos precedeu, se não pudermos tocar e revirar o sentido daquilo que nos foi ofertado como um bem, não poderemos nos servir, de fato, de uma herança: a ela seremos alienados e dela prisioneiros.

Na estruturação de um sujeito o olhar do Outro e sua voz tocam o naco de carne para constituir um corpo, projetar ali uma imagem e os significantes que marcam, imprimem a escrita do outro. Desse encontro guardamos afetos enigmáticos intraduzíveis, além das palavras que fazem ressoar sentidos que aprisionam, alienam e determinam as voltas da repetição. Tudo isso permite a demarcação de um lugar no mundo, um enquadre.

O percurso de uma análise implica na leitura da alienação proposta na construção da cena em que o *infans* é tomado como objeto, e na possibilidade da travessia das identificações. Nesta cena teatral da nossa origem, o mimetismo pacifica o apetite, e mesmo a voracidade do olho que olha e uma análise pode, por vezes, conjurar este mau-olhado, este visgo que mortifica e aprisiona o sujeito. A queda da cena, que corresponde à queda do Outro na finalização de uma análise, não é garantida e pode, inclusive, recrudescer se o mau olhado não for exorcizado.

Em “Liturraterre” Lacan afirma que a queda dos semblantes produz estragos da ordem da devastação permitindo a rasura do traço unário impresso como tatuagem na constituição.

Na homenagem a Marguerite Duras, quando introduz a questão da devastação, Lacan (2003) afirma que “só a devastação salva do arrebatamento”. As menções de Lacan sobre o olhar nesse texto me levaram a afirmar que o arrebatamento está do lado do mau olhado e a devastação implica em conjurar o mau olhado.

Quando falamos da devastação na passagem ao feminino, o arrebatamento implica em admiração, fascínio pela imagem desejável de uma outra mulher, imagem que desperta olhares, que causa desejo. Essa disputa pelo lugar de objeto desejável remete ao *complexo de intrusão* e ao *transitivismo*, experiências vividas na estruturação do sujeito quando a criança se reconhece entre irmãos e a questão da rivalidade se apresenta.

Em *Formulações sobre a causalidade psíquica* Lacan afirma que a ideia de usurpação e espoliação, no ciúme e na inveja do adulto remetem ao momento de desamparo e prematuração, na estruturação do sujeito, quando a criança se identifica à imagem do outro e se experimenta, a princípio, através dessa alienação. Nessa ocasião, é o nome do pai que dá um basta na confusão com o Outro, fonte da paranóia e projeções. E no processo analítico?

O mau-olhado deve ser conjurado tirando o sujeito do aprisionamento à fantasia. A devastação decorrente daí pode promover a escrita do traço e a possibilidade de ler-de-outro modo, de escrever com “o desconhecido que carregamos dentro de nós”, nossa *lalangue*, única possibilidade de haver heresias e desenhar um estilo.

Mas, se as análises dos analistas seguem esse caminho, quais são as consequências disso no convívio dos analistas nas escolas?

Na frase que encerra *O Seminário 11*, depois de ter falado da travessia das identificações, Lacan afirma que a finalização de uma análise e o nascimento do desejo do analista implica no encontro com o significante primordial e na possibilidade de se assujeitar a ele. Ao longo de seus seminários, inúmeras vezes, insiste em dizer melhor sobre esse traço *Einzigzug*, recolhido na carta 52 de Freud. Desse traço de Freud, segue um *pathwork*³ recolhido por mim do que ficou para Lacan:

3 Texto com as referências: É o olhar do Outro interiorizado por um signo, signo de assentimento do Outro. (1992(A), p. 342-344) Se inscreve no eu como não-eu, e resta inassimilável (1979, p. 227) É a forma mais simples da marca, origem de tudo o que nos interessa, a nós analistas, como saber. (1992(B), p. 44). [...] na raiz da fantasia está a glória da

– É o olhar do Outro interiorizado por um signo, signo de assentimento do Outro, que se inscreve no eu como não-eu, e resta inassimilável. É a forma mais simples da marca, origem de tudo o que nos interessa, a nós analistas, como saber. Na raiz da fantasia está a glória da marca, marca sobre a pele de um sujeito que se identifica como sendo objeto de gozo. Há um certo número de maneiras de traçar as cifras. A maneira mais simples é aquela que chamei de traço unário. O triskel não é um nó. Ele só se inscreve pela consistência. Freud chamou isso o traço unário. É o nome do pai que, do triskel, faz nó. A escrita em questão vem de um lugar diferente daquele do significante. Não é de hoje que me interessa por esta questão da escrita, e a promovi pela primeira vez ao falar do traço unário, que, em Freud, é *einzigergzug*. Devido ao nó borromeano, dei outro suporte ao traço unário. RI, a reta infinita, a melhor ilustração do furo, o mais simples suporte do furo. Traduzi o *einzigergzug* que Freud enuncia em seu escrito sobre a identificação como traço unário. Ao redor do traço unário gira toda a questão do escrito, escrito do que se chamam as cifras. Se o hieróglifo é egípcio ou chinês dá no mesmo. Sempre se trata da configuração do traço. No *Seminário 24* Lacan chama a identificação ao traço unário como identificação neutra, identificação a um traço qualquer, a um traço particular, *einzigergzug*, a não importa qual traço.

marca [...] marca sobre a pele de um sujeito que se identifica como sendo objeto de gozo (1992(B), p. 47). Há um certo número de maneiras de traçar as cifras. A maneira mais simples é aquela que chamei de traço unário. (2007, p.126) O triskel não é um nó. Ele só se inscreve pela consistência. Freud chamou isso o traço unário. É o nome do pai que, do triskel, faz nó. (1974-75, aula 15/04/75) A escrita em questão vem de um lugar diferente daquele do significante. Não é de hoje que me interessa por esta questão da escrita, e a promovi pela primeira vez ao falar do traço unário, que, em Freud, é *einzigergzug*. (2007, p.141) Devido ao nó borromeano dei outro suporte ao traço unário. RI, a reta infinita, [...] a melhor ilustração do furo [...] o mais simples suporte do furo. (2007, p. 142) Traduzi o *einzigergzug* que Freud enuncia em seu escrito sobre a identificação como traço unário. Ao redor do traço unário gira toda a questão do escrito, escrito do que se chamam as cifras. Se o hieróglifo é egípcio ou chinês dá no mesmo. Sempre se trata da configuração do traço. (1974 p.139) No *Seminário 24* Lacan chama a identificação ao traço unário como identificação neutra, identificação a um traço qualquer, a um traço particular, *einzigergzug*, a não importa qual traço.

Encontrar esse furo e se assujeitar a ele é da ordem do horror e da devastação, e tem consequências no convívio entre os analistas nas escolas. Suponho que essa vacilação dos semblantes, a perda do enquadre proposto pelo Outro, as desidentificações que permitem o encontro com o significante primordial, o traço unário, o nosso triskel, a partir do qual o nome do pai um dia fez nó, exigem *um passo a mais*, ou a paranoia e algum recuo.

O passo a mais é, a meu ver, aquilo que nomeia um analista e seu sinthoma: uma escrita que rasura a escrita do Outro em mim, na apropriação dos restos e estragos.

Essa é a ponte para a invenção do masoquismo no término de uma análise. A raiz da fantasia, a presença do gozo do Outro em mim, a marca que faz de mim objeto de gozo do Outro, o traço unário é um “saber que não está ao alcance de todo mundo, o saber que se inventa”, quando frente ao horror de se saber objeto, depois de ter circunscrito a causa do seu horror, podemos não desviar os olhos para entrever o Real, e somos levados a profanar o *mais íntimo de si mesmo*, na *borda do maior segredo*, para permitir a transliteração das marcas, marcas que, na constituição, recebemos do Outro, marcas, guardadas na condição de puro enigma, puro afeto enigmático, que podem *revelar segredos jamais explicitados*.

Em maio de 1978, em *O momento de concluir*, Lacan afirma:

Não há nada mais difícil que imaginar o real, porque ele escapa e é seguramente devido a isso que temos a inibição. [...] O tecido imaginado é representado. A diferença entre a representação e o objeto é algo capital. O objeto de que se trata é algo que pode ter muitas apresentações.

Muitas vezes, a alusão aos escritores e seus escritos me permitiram imaginar o real e encontrar na escrita alguma coisa a dizer sobre a minha experiência com a psicanálise na escola. Teria eu desenhado assim uma escrita singular, um estilo?

REFERÊNCIAS

FREUD, S. «Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 52». In: _____. *Obras completas*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

LACAN, Jacques. *O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)*. Versão de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *O seminário 8: a transferência (1961-1962)*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1992(A).

_____. *O Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992(B).

_____. *A terceira*. Disponível em: « <https://pt.scribd.com> » doc » A-Terceira-Jacques-Lacan ». Acesso em 01/04/2023.

_____. *O Seminário 22: O RSI, 1974-75*, Inédito.

_____. *O Seminário 25: O momento de Concluir, 1977-78*, Inédito.

_____. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003